

Bordando as Manhãs

EMEF Duque de Caxias

Profa. Karine Benediht de Oliveira Leão

A ideia

No ano de 2019, nas turmas de sexto a oitavo ano da EMEF Duque de Caxias, optamos por trabalhar artistas contemporâneas mulheres, já com o objetivo de mostrar uma história da Arte diversa. Nossas referências foram Guerrilla Girls, Bárbara Wagner, Aline Motta, entre outras, e, no último bimestre, escolhemos por observar e nos inspirar em Rosana Paulino. Uma visita ao MASP com 8 alunos serviu para firmar o impacto que tais artistas tiveram na vida desses meninos e meninas. Fomos somente 8, pois, apesar do incentivo através da gratuidade do ingresso, não conseguimos o transporte gratuito dos estudantes até o local, o que impediu a maioria deles de acessar esse movimento. Ainda assim, aqueles que foram, conectaram-se com as obras ali presentes e fruíram a obra "Permanência das estruturas", de Rosana, entre outras na exposição "Histórias Feministas", levando todo esse repertório para os colegas de sala.



Em sala, então, levei algumas reproduções e começamos as discussões sobre os significados e técnicas daquele trabalho, o papel de Rosana na história da arte e como isso influenciaria a vida desses meninos e meninas.

Falamos sobre o que é ser uma mulher negra no mercado de trabalho, quais técnicas são consideradas mais valiosas na Arte e quais os limites do que cada gênero pode fazer dentro daquilo que a sociedade espera. Chegamos, então, no desejo de "aprender a costurar".





Começando...

Ao receber o apoio da gestão escolar em forma de material e muito incentivo para o projeto, pudemos dar início ao trabalho de bordar. Todas as fases do feitiço desses bordados foram compartilhadas entre professora e alunos e, muitas delas, somente entre alunos.

Quando o material todo chegou, as aulas seguintes foram somente para prepará-lo para a obra de arte que ali seria feita e, durante esse preparo, fomos conversando sobre as questões teóricas que envolviam o bordado enquanto arte.

Trouxe alguns dados históricos sobre o artesanato brasileiro e, assim, as aulas que seriam expositivas tornaram-se bate-papos sobre aquilo que sabíamos e que poderíamos descobrir sobre os artesanatos e artesãos brasileiros, além das discussões sobre o mercado de arte, as questões de gênero (tão latentes ali), entre outras.

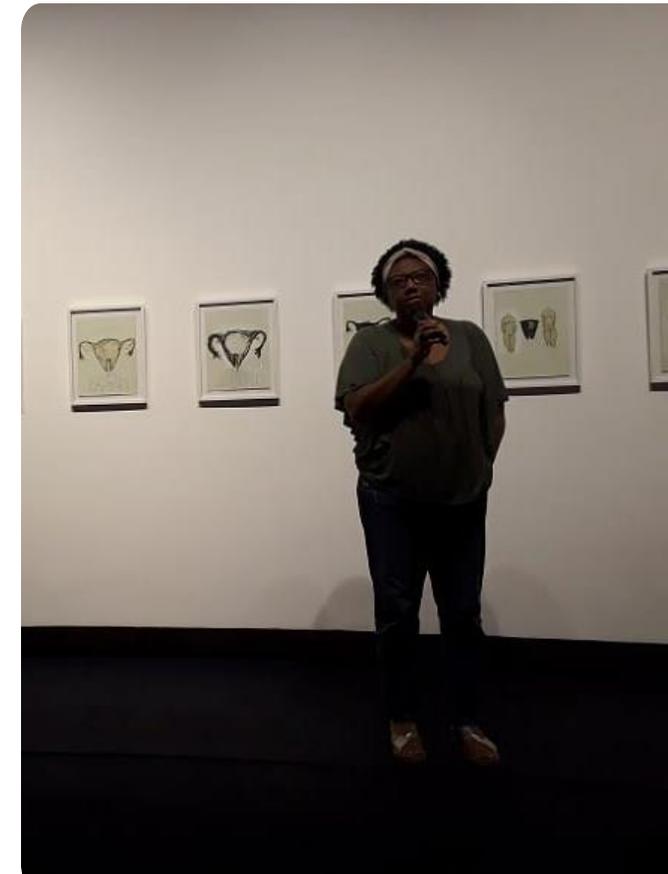
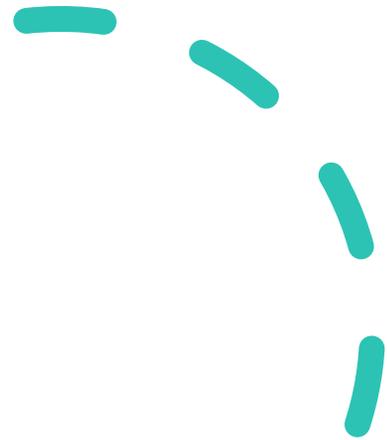
Teoria no dia-a-dia

Os referenciais teóricos foram sendo construídos pouco a pouco, apesar de haver uma lista bibliográfica que nos norteava.

Pudemos, ao longo desta primeira fase, trocar saberes, ao passo que eu pude apresentar minhas referências e a cada aula era apresentada a um novo ponto de vista sobre eles ou a outras tão interessantes quanto.

Apresentei os catálogos e materiais educativos das exposições: "Guerrilla Girls: Gráfica" - MASP (2017); "Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985" - Pinacoteca de São Paulo (2018); "Histórias feministas: artistas depois de 2000" - MASP (2019); "PretAtitude" - SESC Vila Mariana (2019).

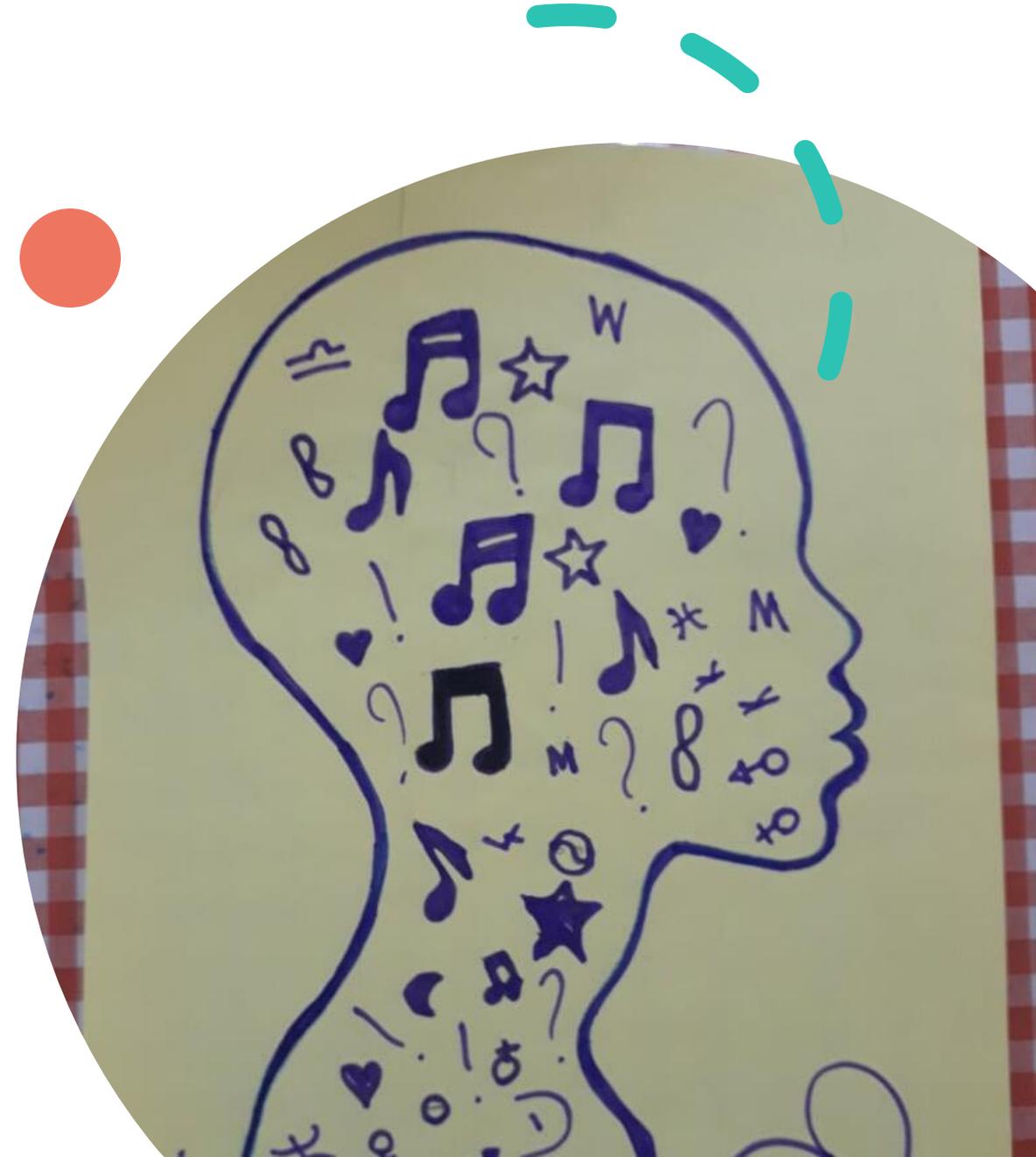
Além disso, mais ou menos no mesmo período, cursei uma formação na FAAP chamada "Arte Contemporânea: experimentação e reflexão sobre práticas pedagógicas", oferecida pela SME/SP, e pude levar muito do que ali aprendi para esta experiência. Sem contar que tive a oportunidade de apresentar à Rosana Paulino o trabalho que nossos meninos e meninas estavam desenvolvendo ao final de sua fala na FAAP e compartilhei esse momento em sala de aula (e todos vibraram e se emocionaram comigo).



O passo-a-passo

Com o material todo pronto e com as conversas e teorias todas fervilhando, começamos o processo de pensar o que seria bordado naqueles quadradinhos de algodão.

Passamos, então, algumas aulas desenhando sentimentos engatilhados por temas sobre os quais falamos nas aulas. "O que é ser diferente?", "Quem sou eu?", "Se eu pudesse mudar qualquer coisa no mundo, como ele seria?"... Algumas turmas se satisfizeram com esses temas, outras solicitaram mais alguns, e assim chegamos no bordado de cada um. Havia uma pasta para cada turma com os desenhos de todos e cada aluno pôde escolher aquele que lhe mais agradou.



Ao finalizarmos a fase dos desenhos, passamos para a familiarização com o material. Muitos ali nunca tinham pego numa linha e agulha, então era preciso começar do princípio.

Com a sala organizada de maneira a favorecer o contato entre todos, (em U, com os materiais à disposição no centro), aqueles que já sabiam o que fazer iam ensinando aqueles que estavam tendo o primeiro contato com o material e, assim, bordamos um retalho de maneira experimental, de modo a facilitar o desmanche do trabalho para que aqueles retalhos pudessem ser utilizados por outros.

Dessa maneira, trabalhamos, além da habilidade técnica, o desapego à produção e o cuidado com o material compartilhado.



Quando nos sentimos prontos, demos início ao trabalho final. A intenção era que cada aluno passasse seu desenho escolhido para um pedaço de algodão e, em seguida, bordasse-o. Ao final, juntaríamos os bordados de todos em um único trabalho, que serviria de parte da cortina da sala de aula ocupada por aquela turma no ano de 2019 e assim permaneceria, como uma marca deixada para os que viriam.

Passamos, então, as semanas seguintes bordando.

Houve um movimento muito interessante dos alunos que passaram a se organizar melhor em relação aos horários das aulas e à limpeza da sala de aula. Eles já não esqueciam mais quando teríamos aula de Arte e, quando eu chegava na sala, as mesas e cadeiras já estavam organizadas para nosso clube de bordado, como apelidamos. Além disso, quando algum professor faltava, muitas turmas solicitavam à coordenação a continuidade do bordado e pudemos até deixar alguns combinados com os professores que topavam nos casos de faltas.



Percebemos um grande amadurecimento em todas as turmas com as quais trabalhei este projeto, do 6º ao 8º ano, principalmente em relação ao respeito aos colegas e à colaboração entre eles. Nas turmas que tínhamos mais relatos de violência entre alunos, percebemos uma melhora neste comportamento e muitos alunos tidos como desafiadores encontraram no bordado uma maneira de expressar seus sentimentos e colocar suas ideias em ordem.

Um desses alunos, V., 7º ano, com grande histórico de vulnerabilidade e violência, bordou lindamente, ajudou muito os colegas e sempre se colocava próximo a mim na organização da sala. Pudemos conversar muito sobre sua vida e isso gerou um vínculo maravilhoso entre nós. Mostrei seu bordado a todos e V. foi elogiado por todos os professores em suas respectivas aulas pelo trabalho artístico, fato que o fez se sentir finalmente acolhido no ambiente escolar.





Além das linhas e agulhas, nosso clube de bordado era regado a música. A cada dia, ouvíamos novidades. Alternávamos entre o conteúdo escolhido por mim (chorinho, samba, MPB) e o escolhido por eles (funk, sertanejo, pop). Dessa maneira, criávamos um ambiente leve e descontraído, no qual estávamos aprendendo uma técnica manual e papeando sobre a vida, sobre os problemas do dia-a-dia e estreitando nossos vínculos.



Ao final, cumpri minha promessa e dei minha contribuição: costurei um a um dos quadradinhos. A maior parte consegui costurar em sala, à mão, mas para cumprir o prazo que tínhamos, precisei de ajuda da máquina de costura em minha casa.

Então, no dia que penduramos as cortinas, foi uma só emoção em todas as salas. Cada turma escolheu onde ficaria sua cortina e o sentimento de orgulho do trabalho que cada um havia feito com suas próprias mãos era unânime. Muitos alunos saíram de suas salas para chamar a direção, a coordenação, outros professores e colegas para admirarem seus trabalhos e, assim, nos despedimos do ano letivo de 2019.

Bordando as Manhãs

EMEF Duque de Caxias

Profa. Karine Benediht de
Oliveira Leão

